



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE  
Proprietario, director e editor  
MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e admin. Praça dos Restauradores, 43 a 49. Comp. e impressão Typ. Pinheiro, R. Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — O Salterio. — Artistas estrangeiros. — Notas vagas. — Concertos. — Noticiario.

## Monographias instrumentaes

### I

## O Salterio

(Continuação)

Em Espanha não seria menor a sua voga n'essa época remota. No *Libro de amor* ou *Libro de cantares*, o arcebispo de Hita <sup>1</sup>, referindo-se aos instrumentos musicos que se usavam no seu tempo, dá um logar de honra ao salterio :

*El salterio con ellos más alto que la mota.*

Na fig. 5 vêmos outro menestrel *de penola*, como então se dizia dos tocadores de instrumentos de plectro, que faz conscienciosamente resoar uma das notas graves do seu instrumento. Não posso affirmar comtudo que se trate de um salterio bem caracterizado, parecendo-me antes um qualquer derivado do *nabulum* <sup>2</sup>, ou um mixto, pouco vulgar, de salterio e harpa.

Do seculo XV, as notas que pude recolher referem-se principalmente ao uso do salterio na egreja e até o nosso D. Duarte <sup>3</sup>, tratando de regulamentar a sua capella, previne : — . . . «Que os cantores aprendam o *salteiro*, que quando lhes na mão veher algum beneficio que o saibam, que nom pode seer boo clerigo se nom soaber o *salteiro*. . . ».



Fig. 5. — De um antigo ms.

<sup>1</sup> O celebre poema de Juan Ruiz não tinha titulo ; os commentadores é que o tornaram conhecido por aquellas designações, para o distinguir de outras produções do mesmo auctor.

<sup>2</sup> Entre os trigonos da familia do salterio e do *nabulum*, foram muito citados na idade média o *qanon* ou *canon* e o *micanon*.

<sup>3</sup> *Leal Conselheiro*.

Por não ser muito conhecida, reproduzo ainda (fig. 6) uma escultura mutilada, que se encontrou em uma igreja da Escócia, e que dará uma ideia, ainda que imperfeita, do que era o salterio do século XV<sup>1</sup>. Muito mais nitida é a reprodução que Augusto Tolbecque fez ha poucos annos do salterio que figura na portada da igreja de S. Pedro de Saintes (Charente Inferior), e que offereceu ao Museu instrumental de Bruxellas (fig. 7). O instrumento, que parece ter attingido por essa época as suas proporções definitivas, tem 32 cordas, afinadas aos pares, em unisono; são tendidas por meio de cravelhas de madeira, collocadas alternadamente dos dois lados da caixa sonora, que é debruada de arestas vivas para servirem de cavalletes. O salterio suspendia-se ao pescoço, afim de que as mãos ficassem livres para dedilhar as cordas. As dimensões d'este instrumento, segundo diz Mahillon no seu Catalogo<sup>2</sup>, são: — comprimento da base maior 0m,54; da mais pequena 0m,20; altura 0m,68.



Fig. 6. — Dulcimer

E' possível que o instrumento se mantivesse ainda na liturgia de varios povos, mas o que parece fóra de duvida é que n'esse século XVI, segundo Pretorius<sup>3</sup>, perdia o salterio a importancia que havia adquirido na musica profana em eras anteriores. Era já um companheiro da sanfona, da *lyra mendicorum*, accentuando-se essa decadencia durante o século seguinte.

Em um villancico espanhol, que transcrevo em outro lugar<sup>4</sup> e que se cantarolava pelas ruas de Lisboa por occasião da Restauração de 1640, os companheiros que se dão ao salterio são o *adufe*, a *gayta*, a *sonaja*, o *cascavel*, a *guitarra* e o *tamboril y flauta*, tudo instrumentos de baixa cathogoria.

Parece comtudo que, ainda n'esse século XVII e principalmente no seguinte, readquiriu o salterio entre a gente culta o favôr que havia perdido na época precedente. São testemunhos da existencia d'esse periodo de renascimento, ou talvez seus iniciadores, os celebres tradistas Mersenne<sup>5</sup> e Kircher, cujas obras tenho presentes e que, n'aquella linguagem redundante do seu século, cantam em todos os tons os louvores do salterio. O P.<sup>o</sup> Mersenne, em cuja gravura se vê tambem o plectro<sup>6</sup> e a chave de afinação (fig. 8), depois de affirmar que: — «a harmonia do salterio é muito agradável pelos sons claros e argentinios das suas cordas de aço e que não duvidava que tomasse logar junto da *espineta* e da *harpa*, havendo quem o tocasse com toda a maestria com que se pôde tocar um *cravo*» desenvolve largas explicações sobre o uso do salterio, sua construcção, montagem, afinação, etc.

O século XVIII é considerado como o periodo aureo do salterio, e devem ser d'essa época os bellos especimens que o conde Correr<sup>7</sup> recolheu na sua preciosa collecção e que hoje existem nos Museus de Bruxellas e de Paris.

Foram celebres artistas de salterio Florido Jannesi, Franciosi, Saverio Mattei, Dall'Olio, o abade napolitano Carise, o espanhol Plà, Parisio, tambem napolitano, e o padre romano Fa-

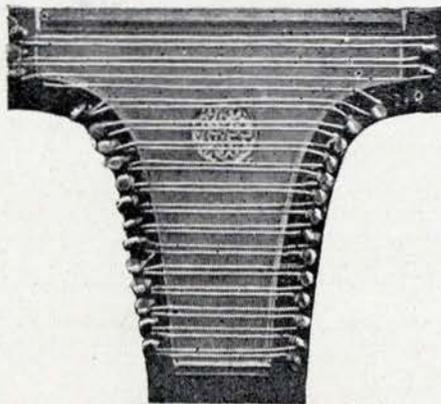


Fig. 7. — Salterio do sec. XVI

<sup>1</sup> Os inglezes dão o nome generico de *dulcimer* a varios instrumentos da familia do salterio. Ha duvidas sobre a etymologia da palavra; uns querem que seja corrupção de *dolce melo*, nome italiano do *kachbret* ou *timpanon* — outros fazem-a derivar da antiga *dulcema* assyria. Qualquer d'estes instrumentos é de cordas percutidas.

<sup>2</sup> Victor Ch. Mahillon — *Catalogue du Musée Instrumental du Conservatoire Royal de Musique de Bruxelles*, 3.<sup>o</sup> vol. (Gand, 1900).

<sup>3</sup> *Apud Le Comte Ad. de Pontécoulant — Organographie*, tomo I (Paris, 1831).

<sup>4</sup> Lambertini — op. cit.

<sup>5</sup> F. M. Mersenne — *Harmonicorum libri* (Paris, 1636).

<sup>6</sup> *Baculus, vecticulus vel plectrum*, diz o Padre Mersenne.

<sup>7</sup> Pedro Correr, de Veneza, grande entendido em violaria cremonense e intelligente colleccionador d'instrumentos musicos.

brizio Pasquali<sup>1</sup>. Davam-se concertos de salterio, formavam-se partidos por um ou por outro virtuose, discutiam-se em letra d'imprensa os melhoramentos que deviam introduzir-se no instrumento, questionava-se sobre a afinação de uma corda como se fosse um problema d'alta politica...<sup>2</sup>

Depois, em principios do seculo XIX, a caprichosa deusa da moda atirou com o salterio para os sotãos e desvãos e nunca mais se ouviu falar em tal.

O principio foi comtudo aproveitado para a construcção de um instrumento moderno, a *cithara horisontal (zither)*, que a Austria e a Baviera adoptaram como instrumento nacional. A fórma d'este derivado do salterio não é triangular nem trapezoidal, como era, na maior parte dos casos, o instrumento primitivo; é rectangular, nos especimens mais antigos, substituindo-se nos mais recentes um dos lados maiores do rectangulo por uma curva saliente. Mas o que mais caracteriza a *zither*, relativamente ao salterio, é a adaptação de um ponto tasteado, semelhante ao da guitarra, sobre o qual se executa a melodia, reservando-se para os acompanhamentos as cordas soltas que estão dispostas sobre o resto do tampo harmonico<sup>3</sup>.

Quanto ao salterio propriamente dito, são rarissimos os povos que o conservaram e esses mesmo limitam o seu uso á musica do povo. Que me conste, só nas provincias espanholas de Murcia, Alicante e ilhas Canarias é que elle se emprega com a fórma tradicional<sup>4</sup>, tocando-se com uns *dediles* ou anneis ponteados que se enfiam em dois ou tres dedos de cada mão.

As variantes exoticas do salterio são: — *mizamir* (antigos arabes), *kantéle* (Finlandia), *gousli* (Russia), *qanon* ou *kanoon* (Egypto), *chê* e *tseng* (China), *koto*, *takigoto* e *waggon* (Japão), *cai dan thap luc* (Annam), *ketjapi* (Java) e *maruvané* (Madagascar).

Lambertini.

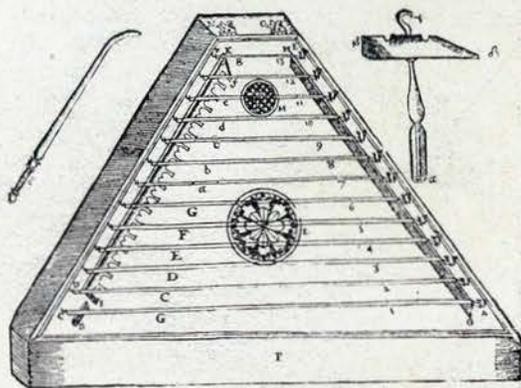


Fig. 8. — Salterio do sec. XVII

<sup>1</sup> Esta lista de *virtuosi* do salterio é extrahida da já citada obra de Valdrighi, que contem valiosas indicações para quem queira estudar o assumpto a fundo. Entre esses tocadores parece ter se distinguido especialmente Gian-Battista Dall'Olio, tambem citado elogiosamente pelos dicionaristas Liehtenthal e Fétis. Os *Avvertimenti je suonatori di Salterio*, coordenados pelo Dall'Olio em 1770, vem transcriptos no referido opusculo de Valdrighi.

<sup>2</sup> Ha uma colleção de pequenos methodos, publicados em Madrid por Pablo Minguet, que pôde instruir-nos sobre os instrumentos que estavam em maior voga no 3.º quartel do seculo XVIII. O titulo geral da obra é:

Pablo Minguet y Irol — *Reglas y advertencias generales que enseñan el modo de toñer todos los instrumentos mejores, y mas usuales, como son la guitarra, tiple, vandola, cythara, clavicordio, organo, harpa, psalterio, bandurria, violin, flauta travesera, flauta dulce y la flautilla.*

O methodo de salterio e o de «flauta travesera», flauta dulce y flautilla» tem a data de 1751. O de «guitarra, tiple, y vandola» é de 1774. Os restantes não tem data.

<sup>3</sup> A «zither» tem na Allemanha 28 cordas, sendo quatro sobre o ponto (duas de aço e duas de latão), e as restantes para os acompanhamentos (de tripa e as mais graves com feira). Toca-se com um anel armado de ponta, que se adapta ao polegar, servindo os dedos restantes para fazer o acompanhamento nas cordas soltas.

Em Portugal ha pouquissimos cultores d'este instrumento. Supponho que quem mais se tem distinguido como tocador de cithara entre nós é o sr. Luiz Antonio Belem.

<sup>4</sup> Em alguns salterios, alem dos cavalletes formados pelos proprios bordos do tampo harmonico, ha cavalletes intermediarios com o fim de produzir duas notas em cada corda; mas este promenor de fabrico encontra-se mais frequentemente nos tympanens que nos salterios. Parece que, n'estes ultimos, o melhoramento a que alludo foi introduzido na primeira metade do seculo XVIII.

## Artistas estrangeiros

E' de toda a actualidade a publicação dos retratos de Maria Carreras e Adolphe Borschke, os dois pianistas que n'esta occasião se encontram em Lisboa e a que o nosso publico vae com certeza festejar como merecem.

### MARIA CARRERAS

Deve ter feito a sua estreia hontem, no theatro da Republica, mas a antecedencia com que temos de entregar o original á imprensa não

nos permite fazer apreciações pessoaes sobre o seu valor de concertista. Limitamo-nos por agora a recolher as seguintes opiniões que se nos deparam em diferentes jornaes e revistas:

*Rigasche Zeitung* «o maior pianista entre as pianistas». *Rigasche Rundschau*, «M<sup>me</sup> Carreras tocou a balada em *sol* menor, a fantasia em *fá* menor e o scherzo em *si* menor de Chopin...



a impressão que produziu no publico foi intensa e funda, alcançando um 'sucesso unânime e entusiastico'. *Rigasche Neueste Nachrichten*, «Maria Carreras é uma artista sobre a qual ha alguma coisa que dizer: uma personalidade franca, energica, intellectual—*raffinée*». Berlim. *Vossische Zeitung*, «O concerto de Maria Carreras foi um grande successo. Que, no concernente a technica, M<sup>me</sup> Carreras é absolutamente segura, é sabido. Tocou Bach, Beethoven, Chopin, Liszt». *Allgemeine Musik Zeitung*, «a sua maneira de tocar energica e cheia de temperamento foi para o auditorio um prazer dos mais artisticos. Uma bem segura technica, boa qualidade de som e precisão rythmica caracterisam a sua individualidade». Londres. *Daily Telegraph*, «Madame Maria Carreras não é só uma pianista de raro apuramento, é mais, é uma personalidade artistica de excepcional destaque». Copenhague. *Politiken*. «Nenhum artista ainda, se affirmou tão depressa como esta italiana». *Corriere della Sera*, «Madame Carreras teve occasião hontem á noite, n'um programma de importancia excepcional, de evidenciar o seu maravilhoso poder technico e o seu estylo de uma tão grande elevação».

Além do concerto realizado hontem, Maria Carreras dará uma segunda e ultima audição no proximo domingo, em *matinée*.

### ADOLPHE BORSCHKE

Adolphe Borschke é um viennense. Sahiu aos quinze annos do Conservatorio da sua terra natal, com a maior recompensa que ali se póde ambicionar—a medalha de ouro.

Discipulo de Emil Sauer e de Leschetizky, que lhe predisseram um brilhante futuro de concertista, Adolphe Borschke começou muito cedo a sua aspera carreira e aos 19 annos já o publico de Paris o applaudia em uma primeira série de concertos, a que se seguiu logo outra em Londres, accentuando-se, n'esta, o exito de um modo decisivo.

Emprehendeu apoz isso o distincto pianista austriaco uma *tournée* na Australia, Nova Zelandia e Tasmania, sendo o successo tão lisongeiro que foi logo reconduzido para a Australia com um contracto de 150 concertos. Em S. Francisco da California, onde se encontrava uma semana depois do terrivel tremor de terra que destruiu uma grande parte da cidade, A. Borschke deu todos os seus concertos em beneficio das victimas da catastrophe, mostrando assim que o artista de talento é tambem um homem de grande coração.

Não foram menores os seus triumphos na Republica Argentina, no Brazil e no Egypto. Voltando a Paris, Monte-Carlo, Londres e outras cidades da Europa o notavel artista viu por toda a parte confirmadas as mais lisongeiras apreciações da critica e os mais calorosos applausos do publico.

O concerto de Adolphe Borschke realiza-se na quinta feira, 21, no «Avenida Palace».





## Cartas a uma senhora

165.<sup>a</sup>

De Lisboa.

E' possível que nunca os portuguezes se entendam sobre as mil e uma cousas ácerca das quaes nunca tambem deixaram de andar desavindos; porque, phenomeno singular! — o povo luso, não de formação homogenea mas de natureza quasi uniforme, a despeito d'uma ou d'outra dissimilhança que aqui e ali singularise esta ou aquella região, por via de regra anda ás turras consigo proprio e raras vezes attinge essa unanimidade de querer e de sentir que deve constituir e constitue as nacionalidades conscientes e fortes.

Gentes do primeiro momento e da ultima hora, a nossa psychologia reveste a um tempo os mais contradictorios aspectos, e simultaneamente appareceremos aos olhos de quem nos estude ora como creaturas simplistas e destituidas de complicadas pregas, ora como pessoas do mais complexo e arrevesado feitio.

Por isso raro observadores de profissão e experimentalistas argutos claudicam lamentavelmente no resultado dos seus exames e sentem-se desconcertados com o producto das suas analyses.

Isto explica a variedade de conceitos que a nosso respeito correm mundo, quer os hajam forjado os investigadores d'aqui, quer os tenham apprehendido os visitantes de fóra.

Quem acerta? Quem desatina? Provavelmente acertam e desatinam ambos. Quanto a mim, esta nossa terra «de muitas e desvairadas gentes» tendo, embora, a sua linha physionomica propria, o seu *facies* caracteristico, não conseguiu, por motivo de acontecimentos multiplos, ligar fortemente o traço dominante da sua individualidade historica no passado, ao que viria determinar-lhe a sua individualidade social no presente, e d'ahi a confusão medonha em que mais ou menos todos nos debatemos, e para muitos a incerteza da nossa trajetoria na rota do futuro.

Isso explica ainda, em meu despretencioso entender, os accessos bruscos de pessimismo negro que a miude nos empolgam, quando ao contrario não são os impetos de optimismo roseo que por instantes nos allucinam.

Ora, quer-me parecer que em meio d'estes dois inconsistentes extremos é que afinal deve residir a chave do problema portuguez, que tendo sido posto ha seculos, as circunstancias não permittiram resolver, pois não consiste segredo para ninguem que, pelo menos durante trezentos annos, o fio da nossa tradição interrompeu-se e chegou quasi a quebrar-se.

Modernamente é que principiámos a tactear o terreno por onde nos cumpria seguir, e não admira que durante algum tempo hesitemos, tergiversando ou marcando passo, e que o descontentamento dos mais impacientes ou as exigencias dos menos adextrados venham lançar uma tal ou qual perturbação no espirito da collectividade, a qual, abstrahindo de factores importantes que a reflexão e a experiencia fornecem, procura n'um intuito patriotico respeitavel mas ingenuo, realizar desde logo ideaes que nem por muito haverem amadurecido encontram em todas as camadas do substractum nacional o seu molde adequado, e a precisa elasticidade de que o chamado plasma organico tanto carece para as modificações em grande.

Assim o que convem será, supponho, organisarmo-nos todos, constituindo fortes unidades de estudo e de trabalho, e n'esse campo considero pela minha parte bem vindos quantos veem chegando.

Este fastidioso arrasoado que me foi saindo involuntariamente dos bicos da penna, e que não tive a coragem de inutilisar, tem em mira, querida amiga, justificar aos seus olhos a razão por que li com vivo agrado e com real proveito, um na apparencia modesto livrinho de 45 paginas, que sob o titulo *Historia da Arte* publicou, creio que ha mezes, um moço estudante, Luis Teixeira Neves.

Conta elle ali, devidamente documentado n'um exemplo, a maneira como no lyceu de Coimbra se ensina tal materia na cadeira que lá rege o illustre professor dr. Eugenio Sanches da Gama, e fá-lo com uma sobriedade e com uma consciencia que por igual honram o professor e o alumno.

Casualmente deparou-se-nos este interessante estudo sobre a mesa d'um amigo e, ao lê-lo, mais uma vez me convenci quão longe está de se reputar perdido o paiz onde o problema da educação nacional assim começa a ser visto.

Não imagine, minha senhora, que esta *Historia d'arte*, se embrenha em questões abstrusas e transcendentas. Trata-se de visitas á Sé de Coimbra e aos mosteiros de Alcobaça e da Batalha, e a este proposito, o moço auctor disserteia com apreciavel copia de leitura sobre o estylo romanico e os seus exemplares em Portugal, e sobre o estylo gothico e essa maravilha que é a incomparavel Santa Maria da Victoria.

A igreja de Alcobaça merece-lhe dignamente meia dúzia de paginas que denotam, além do natural estudo, qualidades de apreciação e de critica deveras para registar; e não só a descripção d'essa igreja como a da Batalha e a das capellas imperfeitas a que com maior clareza justamente chama incompletas, revelam dons de cerebração, e meticulosidades de estudo que não são vulgares, até em gentes me-nos juvenis.

A primeira vista esta simples coisa da publicação do resultado d'uma visita a tres monumentos artisticos, vetustos e venerandos representantes da nossa existencia social, parece nada mais representar que um comesinho episodio da nossa vida escolar; mas se relacionarmos tal caso com outros analogos que felizmente vão surgindo, e se sobretudo attentarmos o levantado ideal a que elle obedece e na generosa aspiração que traduz, facilmente concluiremos que a publicação de Teixeira Neves accusa dois magnificos symptomas: a existencia no nosso professorado de espiritos que, como o do dr. Sanches da Gama, dr. Sá e Oliveira e outros iniciaram entre nós a suggestiva e educadora pratica das excursões e visitas de estudo, e o apparecimento, cada vez mais numeroso nas camadas academicas, de alumnos com uma orientação séria, impregnada de um cunho altamente pedagogico, que seguramente fructificará em fecundos actos e em futuras iniciativas.

E' realmente pelo estudo do nosso passado que a arte fez crystalisar, em obras impereciveis, que nós saberemos entender o presente e encarrar o futuro. Será tambem pela investigação das nossas origens, pela analyse do nosso solo, pela observação dos nossos costumes que a historia, a sciencia, a litteratura conseguirão tornar vivas dentro da nossa alma as energias que ella encerra e que precisam de ser despertadas.

O nosso problema maximo é um problema educativo, mas a educação faz-se por toda a parte e com todos os elementos, desde que cada um se convença que póde sempre receber ou ministrar essa educação.

Cabendo porém o primeiro logar d'esta cruzada ao ensino organizado, acredito que a boa nova de professores que nas suas respectivas cadeiras determinam um movimento de tão sympathica e luminosa influencia qual a que teem exercido entre outros os já citados professores Sanches da Gama e Sá e Oliveira (este actual reitor dedicado do lyceu Pedro Nunes) seja recebida com alvoroço por aquelles que como eu vêem no culto da arte em primeiro logar, o mais poderoso meio de regeneração nacional, porque o culto da arte, claramente entendido, envolve o fundamental respeito pelo trabalho e pela sciencia, e implica o de-

envolvimento de todos esses germens que n'ella estão incluídos.

Eis por que o meu desejo seria e será ir registando o apparecimento de mais publicações eguaes a esta onde simultaneamente se admira o resultado de um estudo aproveitado e de um ensinamento proficuo, o que redundá portanto em titulo de gloria para o dr. Sanches da Gama professor e para o sr. Teixeira Neves alumno.

Não se lhe afigura, querida amiga, que no dia festivo em que por todas as escolas da nossa patria abundarem exemplares d'estes dois generos, estará talvez achada a harmonia e a solidariedade que n'este momento ainda em vão buscamos?

Affonso Vargas.



Em 28 do mez passado realisou o professor Alfredo Napoleão um concerto no salão da *Illustração Portuguesa*, tendo a collaboração de Mad. Magalhães Correia, que cantou alguns trechos de Massenet e Wagner com unanime agrado.

O pianista Napoleão tocou obras de Bach, Beethoven, Chopin e Liszt, e varias composições suas, sendo tambem muito applaudido.

— Com enorme concorrência de publico effectuou-se em 30 de novembro, como estava annunciada, a sessão solemne do Conservatorio, para abertura de aulas, distribuição de premios e apresentação d'alumnos.

Abriu a sessão o director da Escola de Musica, sr. Francisco Bahia, que em breve allocução se referiu aos esforços a empregar no sentido de melhorar a administração e desenvolver o ensino artistico do Conservatorio, mostrando estar animado das melhores intenções de trabalhar n'um e n'outro sentido e declarando ter elaborado um projecto de reforma que será brevemente apresentado ao parlamento. Discursou tambem o dr. Julio Dantas sobre os progressos d'este estabelecimento d'ensino, referindo-se particularmente á escola de Arte de representar, cuja direcção está a seu cargo.

Proclamados em seguida os nomes dos alumnos premiados, começou-se, após essa formalidade, a audição cujo programma era bastante variado e organizado de modo a valorisar as aptidões de alguns dos melhores alumnos do Conservatorio.

Na execução musical distinguiram-se como

directores d'orchestra os srs. Pavia de Magalhães e Floriano Rodrigues, como pianista a alumna Elisa Pereira da Silva, como violoncellista o alumno Manuel Silva e como cantora a alumna Beatriz Baptista, não podendo executar-se um *Duo* de Leonard para violinos, por falta não justificada de um dos executantes, que por esse facto foi julgado em processo disciplinar e castigado com a expulsão do Conservatorio durante dois annos.

Um dos numeros deveras sensacional era a representação da tragedia *Castro*, pelos alumnos de Arte dramatica, coadjuvados por 16 alumnas de Guilherme Ribeiro, que cantaram muito satisfatoriamente o côro tragico d'aquella interessante produção classica.

= A matinée promovida pelo grande artista Vianna da Motta no theatro da *Republica*, no dia 3 do corrente, foi um novo e grande triumpho para o distincto *virtuose*.

O theatro tinha uma enchente á *cunha*, facto este que só Vianna da Motta é capaz de realisar.

Como no anterior concerto, tomou parte n'esta audição musical, uma orchestra composta por elementos portuguezes e á frente da qual se collocou Pedro Blanch, artista de raras aptidões para tão espinhoso cargo.

No programma do concerto figuravam obras dos mais celebres compositores, como a *Grande Fantasia* de Schubert e *Fantasia Hungara* de Liszt para piano e orchestra, ambas de grande brilhantismo e soberba factura, e outras para piano a solo, de Liszt, Chopin e Vianna da Motta.

Escusado será dizermos que Vianna da Motta foi como sempre, o grande *virtuose*, o sobrio executante e meticoloso estylista que tanto temos elogiado em todas as nossas chronicas. Recebeu fartos e entusiasticos applausos de todo o publico levando a sua gentileza a tocar *hors programme* um estudo de Chopin e *Au lac de Wallenstadt* de Liszt.

Tambem foi repetido, a instancia do publico, o final da *Fantasia Hungara* para piano e orchestra.

A orchestra, sob a habil direcção do seu maestro, mostrou-se firme, com colorido adequado e bem fundida.

L. da C.

= Realisou-se no dia 4, no salão da *Illustração Portuguesa*, o concerto promovido por Madame Africa S. Cabral, notavel artista de canto, e seu irmão o sr. Aroldo Silva, pianista bem conhecido

e muito apreciado no nosso mundo artistico.

Como já o temos dito aqui mais de uma vez, tanto uma como outro são personalidades artisticas de summo valor e não admira portanto que causassem viva impressão no concerto a que estamos alludindo.

A intelligencia e sentimento que Mad. Africa poz na execução das diversas obras que tinha no programma, entre ellas duas de compositores portuguezes (Vianna da Motta e Neuparth), conciliou-lhe as mais justificadas ovações, que a determinaram a cantar ainda fóra do programma, uma linda *Habanera*.

E quanto a Aroldo Silva, se não tivesse os seus credits já firmados como pianista de notavel sobriedade e seguro mecanismo, bastaria a audição do *Scherzo* de Chaminade e de outras obras que fez ouvir n'essa noite, para lhe assegurar um bom logar entre os concertistas portuguezes do piano.

Publicando o retrato dos dois distinctos promotores d'este concerto, a *Arte Musical* cumpre um dever que lhe é extremamente grato e que não pôde de forma alguma proterlar.

E não fecharemos esta pequena noticia sem uma referencia aos srs. Eduardo Pavia de Magalhães e João d'Oliveira Passos, violinista e violoncellista, que tambem se fizeram applaudir largamente e com muita justiça, nas obras que executaram.

= Muito brilhante foi tambem a sessão de canto e violoncello, promovida pelo maestro Sarti, no dia 7, e realisada, perante numeroz auditorio, no salão do *Avenida Palace*. Teve sobretudo o encanto da novidade para nós e para a maioria do publico, pois que eram desconhecidos de quasi todos os tres artistas, a quem coube a maior parte da execução do artistico programma.

Salientou-se a sr.<sup>a</sup> D. Maria José da Lança Cordeiro, uma voz sympathica quanto possivel, servida por qualidades d'intelligencia e de dicção verdadeiramente raras. E' uma deliciosa cantora de concerto, que enthusiasmou a todos que tiveram a felicidade de a ouvir.

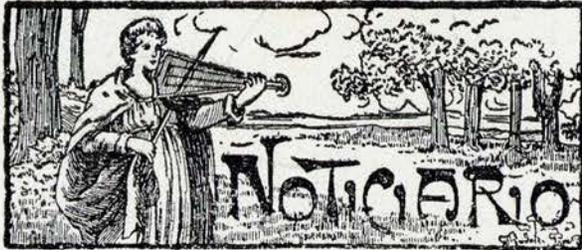
O outro debutante era o sr. Luiz Macieira, que tem a fortuna de possuir uma preciosa voz do barytono, malleavel e pastosa como poucas. Estamos convencidos de que, sob a direcção do maestro Sarti, ha de conseguir as qualidades que a experiencia e o estudo lhe não puderam ainda assegurar.

Refiramo-nos finalmente ao sr. Carlos Qui-



lez, violoncellista portuense, que vem para a nossa capital escripturado para a orchestra do theatro lyrico, e que nos quiz proporcionar esta optima occasião de se fazer ouvir a solo. Não esqueceremos facilmente a impressão que nos fez o excellente artista, cuja sonoridade linda e magistral maneira de dizer o collocam na primeira plana dos nossos violoncellistas. Feleçitamol-o cordealmente por esta estreia.

Se acrescentarmos que Mad. Sarti tambem se fez ouvir n'este concerto e que seu marido esteve constantemente ao piano de acompanhamento, ver-se-ha que a festa do *Avenida Palace* foi um completo e indiscutivel regalo d'arte.



Segundo lêmos em carta mandada a alguns jornaes portuenses pelo eminente mathematico e homem de letras, sr. José Pereira de Sampaio (Bruno), já está construido o Harmonium tessaradécatonico, que a casa Lancelot de Paris se encarregára de fazer de accordo com a nova theoria musical, ha tempos explanada em varios numeros d'esta revista.

Como elle proprio declara, o sr. Sampaio pensa fazer construir pela mesma casa um outro grande harmonium, tambem de 5 oitavas, afim de que a demonstração da sua theoria se faça acompanhar da sua corroboração pratica com aparelhos de rigorosa precisão e de accurado fabrico.

\* \* \*

Apesar de todas as hesitações que tem havido e das duvidas que tem espalhado o pessimismo de uns e a malevolencia do maior numero, está averiguado que se abrirá o theatro de S. Carlos no proximo dia 23. E ainda bem. Se como fôco d'arte se tem discutido o theatro de S. Carlos, pois que effectivamente ha muito que ali se não faz verdadeira arte, o que não offerece duvida é que, como symptoma de normalidade, a abertura do nosso lyrico constitue uma necessidade politica, que quasi toma foros de necessidade nacional. Abra-se pois o S. Carlos e concorram a elle os habituaes frequentadores, sem amúos e sem caprichos. Será ganho e vantagem para todos os que vivem da musica e do theatro—para um sem numero de familias, pobres muitas d'ellas, que tem ali um ganha-pão honesto e

cujos interesses se não podem humanamente desprezar.

O elenco ja está constituido definitivamente e contem os seguintes nomes, muitos dos quaes já são conhecidos da nossa plateia :

Director artistico : Antonio Vidal ; maestros directores da orchestra : Giannetti (Giovanni) e Saco del Valle (Arturo) ; maestros substitutos : De Angelis (Arturo) e Urrutia (Pedro) ; maestro ao piano, Pulzinetti (Guglielmo) ; maestro de côros : Galante (Luigi) ; sopranos : Crehuet (Carmen), Crestani (Luci) e Esquembre (Antonieta), janeiro e fevereiro ; Gagliardi (Cecilia), março ; Isaias (Antonieta) e Mazzoleni (Esther), 22 de janeiro a 2 de março ; Sanz (Josefina) fevereiro e março ; Storchio (Rosina), dezembro ; Lacambra (Pilar) e R. Fernani (Pilar).

Meios sopranos : Blasco (Adela), Buisen (Luiza), Hotkowska (Ladislav) e Thevenet (Cecilia), mez de janeiro.

Tenores : Del Ry (Narciso) e Eghilior (Dugen), dezembro, janeiro e fevereiro ; Famadas (Amador) e Macnez (Umberto), março ; Uetam (Marcelo) e Vignas (Francisco), março ; Zinowiewff (Leon), dezembro, janeiro e fevereiro ; Serna (Eduardo).

Baritonos : Ancona (Mario) e Challis (Benedetto), janeiro, fevereiro e março ; Hernandez (Gabriel) ; Guercia (Tulio) e Galindo (Vicente).

Baixos : Masini Pierali (Angelo), Riera (Miguel), Rossato (Luigi) e Foglio (Felice).

O repertorio constará das seguintes obras : *Puritanos, Carmen, Manon, Africana, Huguenotes, Gioconda, Bohème, Tosca, Madame Butterfly* (com que se estreia a Companhia), *Barbeiro, Samsão, Aida, Rigoletto, Trovador, Lohengrin, Tristão e Isolda e Walkiria*

\* \* \*

Em 21 inaugura o *Orpheon Portuense* as suas interessantes sessões musicas. N'esse primeiro concerto apresentar-se-hão Mad. Chemet (violonista) e Mad<sup>elle</sup> Caffaret (pianista).

\* \* \*

Parece assente que a *Sociedade de Musica de Camara* interromperá os seus trabalhos na presente epoca, reconhecendo-os, com a nova orientação aqui exposta, no mez de dezembro do proximo anno.

\* \* \*

Está em exposição na Casa Lambertini um magnifico violino de Silvestre & Maucotel, premiado na ultima exposição de Turim.

E' um instrumento d'artista, que ha de ser com certeza muito apreciado.